

Nacionalismo e Pós-Colonialismo: uma abordagem Historiográfica da obra de Edward W. Said

ELISA GOLDMAN*

Estudar uma parcela da obra do intelectual palestino Edward W. Said¹ representa um desafio em termos de recorte e delimitação temática. A amplitude e a diversidade dos seus escritos tornam árduo o desafio pelo recorte teórico-metodológico e, numa outra perspectiva, enriquecem o esforço pela realização de um inventário genealógico dos seus principais dilemas.

A despeito do reconhecimento do livro *Orientalismo*² como marco inaugural dos chamados Estudos Pós-Coloniais e tomando por base as diversas críticas que atribuem uma suposta superação das suas interpretações acerca das relações entre poder colonial e cultura, reconhecemos que os debates originados na sua leitura ainda produzem efeitos nos círculos teóricos que discutem o Colonialismo e o Nacionalismo Pós-Colonial.

Com base no artigo de Sérgio Costa³ podemos definir os estudos Pós-Coloniais como um conjunto de contribuições produzido por intelectuais oriundos das antigas colônias com amplo destaque no cenário internacional do pós-guerra. Uma das características marcantes dessa produção é a proposta de desconstrução dos essencialismos. Destacam-se dentro dessa perspectiva Homi K. Bhabha, Edward W. Said, Stuart Hall, Gayatri C. Spivak entre outros. Existe um pressuposto que orienta esse conjunto de intelectuais que se relaciona com a idéia de que o conhecimento científico num determinado contexto reproduziu a lógica da relação colonial.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

¹ Este autor nasceu em Jerusalém e vivenciou a adolescência no Cairo e em Beirute para onde se mudou com parte da sua família depois da guerra árabe-israelense em 1948. Árabe, Cristão e Palestino com formação intelectual nos EUA, crítico do colonialismo ocidental, Said foi um teórico preocupado com o rastreamento da profunda implicação da cultura ocidental no projeto imperial, um admirador inveterado da alta cultura humanista literária, da música erudita e um defensor da causa Palestina. Os dados biográficos foram extraídos do livro *Fora do Lugar, Memórias*, SP: Companhia das Letras, 1999.

² SAID, Edward W. *Orientalismo, o Oriente como invenção do Ocidente*, SP: Companhia das Letras, 2007. Primeira edição-1978.

³ COSTA, Sérgio, Desprovincializando a Sociologia: a contribuição pós-colonial, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.21, número 60, suplemento 60, SP, fevereiro de 2006.

O prefixo “pós” não indica simplesmente uma posterioridade cronológica que representa uma produção pós-emancipatória, mas trata-se de uma reconfiguração do campo discursivo. Segundo o autor, anteriormente citado, são elementos comuns a essa produção intelectual: a crítica ao modernismo como teleologia da História; a busca de um lugar de enunciação “híbrida” pós-colonial e a crítica à concepção de sujeito das Ciências Sociais. Edward W. Said com a sua obra *Orientalismo* representa uma espécie de manifesto de fundação do pós-colonialismo.

O Oriente do Orientalismo ainda que remeta vagamente a um lugar geográfico expressa mais propriamente uma fronteira cultural e definidora de sentido entre um nós e um eles, no interior de uma relação que produz e reproduz o outro como inferior, ao mesmo tempo em que permite definir o nós, o si mesmo em oposição a este outro, ora como caricatura, ora como estereótipo sempre como uma síntese aglutinadora de tudo aquilo que o nós não é nem quer ser .(COSTA, 2006:14)

Inspirado numa crítica epistemológica às Ciências Humanas, produzida por Michel Foucault, e nos esforços pioneiros desenvolvidos pelo psiquiatra Frantz Fanon⁴, Said produziu uma teoria que reproduziu um princípio circular de forma a reafirmar as mesmas premissas de um sistema de representações inscrito num contexto regional. Este se atualiza por meio das próprias imagens e dos conhecimentos que (re) cria.

Costa vincula a produção pós-colonial ao pós-estruturalismo de Jacques Derrida, ao campo teórico de Michel Foucault que visa ressaltar o caráter discursivo do social e por fim a corrente pós-moderna revivida por Lyotard com ênfase no descentramento das narrativas.

Os Estudos Pós-coloniais buscam alternativas para a desconstrução da antinomia Ocidente/Oriente que sejam distintas da simples inversão do lugar da enunciação colonial. A desconstrução do essencialismo no discurso pós-colonial supera a visão simplista de uma mera inversão do protagonismo no discurso. Uma das críticas ao pós-colonialismo incide na pretensão não alcançada por esse debate no que tange a superação dos essencialismos.

⁴ Frantz Fanon, psiquiatra, escritor de origem antilhana desenvolveu vários ensaios sobre o tema da descolonização com base na sua experiência pessoal nos movimentos de libertação nacional na Argélia . A influência de Fanon é marcante na obra de Said, especialmente no debate sobre o nacionalismo e o colonialismo. No livro *Cultura e Imperialismo* encontramos inúmeras referências ao livro *Os condenados da terra* (1961).

A inserção do nosso autor no conjunto dos debates pós-coloniais nos permite detectar um paradoxo que será inerente a sua obra. Este aparece na oscilação entre a sua devoção cultural as análises literárias e o compromisso político que o torna um nacionalista atrelado à causa Palestina. Esse dilema aparece explicitamente no conteúdo do livro *Cultura e Imperialismo*, onde ele localiza a Cultura como o espaço privilegiado para detectar as artimanhas do poder colonial. Ao extrapolar os aspectos meramente estéticos a Cultura aparece como o *locus* privilegiado do reconhecimento de uma identidade nacional em movimento. Como nem a Cultura nem o Imperialismo são inertes, as conexões entre eles, enquanto experiências no tempo são dinâmicas e complexas.

Os interlocutores de Said, integrados à corrente dos Estudos Subalternos percebem na perspectiva Histórica sobre o Imperialismo uma inevitável hierarquia, cuja implicação está na atribuição central da Europa, na sua simetria com a idéia de modernidade e na provincialização do chamado terceiro mundo. Como provincializar a Europa, se a Historiografia se declara presa a essa corrente? A Europa seria o centro das teorias sobre o Imperialismo? Chakrabarty⁵ teórico da corrente citada questiona que o reconhecimento da apropriação pela Europa do adjetivo moderno para si própria é uma parte da História global da qual a narrativa do Imperialismo europeu constitui uma parte indispensável.

Chakrabarty defende que enquanto os Estudos Subalternos (na Índia e sobre a Índia) permanecerem dentro do domínio da História, eles serão subalternos, não apenas por causa do seu interesse pela subalternidade, mas porque sua própria prática disciplinar é “periférica”. Essa discussão serve de contraponto ao nosso objeto de análise.

Para Said a História⁶ não é um mecanismo inevitável de aprofundamento da hierarquia na experiência teórica que aborda o Imperialismo. Para melhor desenvolver

⁵ Dipesh Chakrabarty, teórico filiado à corrente dos Estudos Subalternos, tem vários artigos acerca da relação entre as teorias pós-coloniais e a História. O artigo base para se discutir a idéia de subalternização do terceiro mundo enquanto objeto e enquanto saber denomina-se; Postcoloniality and the artifice of History: Who speaks for “Indian” pasts? *Representations*, número 37, 1992.

⁶ Nos primeiros escritos, Said menciona a influência da obra clássica de Giambattista Vico no que diz respeito ao desenvolvimento do conceito de História. Devemos estabelecer um vínculo entre a influência teórica de Vico e o papel do conceito de Mimesis de Eric Auerbach na obra de Said. Sobre a relação entre *A Ciência Nova* de Vico e a obra de Auerbach ver; LIMA, Luiz Costa, “Mimesis e História em Auerbach” In: *Vida e Mimesis*, SP: Editora 34, 1995.

essa reflexão é importante rastrear o conceito de História⁷ que é operacionalizado no conjunto dos seus escritos e reconhecer a relevância da relação entre Nacionalismo e libertação no interior desse debate. Sobre a questão colonial recorre-se à idéia de uma síntese dialética de forças opostas. O Imperialismo ocidental e o Nacionalismo colonial alimentam-se mutuamente. Do ímpeto da resistência pode nascer numa primeira etapa uma modalidade de Nacionalismo excessivamente tributária da experiência européia. A nação se torna prisioneira dela mesma.

O discurso crítico ao Nacionalismo tradicional, aqui visto como insuficiente, é herança do pensamento do psiquiatra Frantz Fanon. Para esse autor boa parte da resistência ao Imperialismo foi conduzida por um tipo de Nacionalismo que serviu para designar a força motriz que aglutinou um movimento de resistência. Nessa etapa histórica as burguesias nacionais e suas elites especializadas, alvos da crítica de Fanon, tenderam a substituir a dominação colonial por uma nova força de tipo clássica e exploradora que reproduzia as velhas estruturas colonialistas.

Esse debate nos conduz à temática que na forma de uma hipótese indica a presença de um “paradoxo” na relação entre o Nacionalismo e a Questão Colonial no interior da obra do Said. Para este autor o “Nacionalismo defensivo” não ocidental é uma resposta ao Imperialismo que pode artificializar o processo de criação da identidade nacional, pensada como uma essencialidade.

A relativização do chamado “Nacionalismo derivativo”⁸ estimula um campo de reflexão sobre a representação do colonizado, o que implica numa revisão epistemológica. Esta promove questões que vão problematizar as Ciências Humanas. Aqui percebemos os paradoxos de uma aparente filiação teórica desconstrutiva e o posicionamento do mediador ou interlocutor de um objeto que se quer fazer representar em sua obra.

⁷ Para um melhor desenvolvimento do conceito de História na obra de Said, devemos particularizar cada momento da sua trajetória intelectual e rastrear as influências declaradas e as interferências implícitas de alguns autores.

⁸ ⁸ O debate sobre o nacionalismo como um fenômeno derivativo leva em conta a relação entre Imperialismo e dominação colonial. Para Ernst Gellner a mesma modernidade “esclarecida” que criava o nacionalismo, serviu como base da dominação européia sobre o resto do planeta nos 150 anos que se seguiram à Revolução Francesa. O nacionalismo teria que ser entendido como parte integrante dessa dominação. Fora da Europa o nacionalismo era necessariamente um “discurso derivativo”, bloqueando o caminho do autêntico desenvolvimento autônomo.

O problema da representação do colonizado na situação colonial implica no dilema Saidiano entre a “autenticidade” verdadeira do outro e a construção do chamado arquivo colonial como “comunidade de interpretação”.⁹ Estabelecemos então a problemática da questão da mediação na apreensão do objeto estudado. As relações entre o colonizado e o colonizador devem ser entendidas na perspectiva da própria disputa imperial.

O movimento comparativo, entre duas polaridades, como *Oriente* e *Ocidente*, constitui a base epistemológica das Ciências Sociais. Costa aponta a “entropia” da crítica epistemológica produzida no âmbito da sociologia. Se teorizar implica reduzir uma experiência às prioridades conceituais, esse movimento produz uma estabilidade “aprisionadora”. Todos os lugares de enunciação definem fronteiras. Costa reconhece a centralidade do ensaio clássico de Spivak¹⁰ para a relativização da possibilidade de uma representação legítima do discurso “pós-colonizado”.

Assim no lugar de reivindicar a posição de representante dos subalternos que “ouve” a voz desses, ecoada nas insurgências heróicas contra a opressão, o intelectual pós-colonial busca entender a dominação colonial como cerceamento da resistência através da imposição de uma epistémé que torna a fala do subalterno, de antemão, desqualificada e, assim, a silencia.(COSTA, 2006:89)

Para Costa o *hibridismo*¹¹, conceito caro ao nosso autor palestino, é definidor de fronteiras conceituais tanto quanto o *nacionalismo*, o *nativismo*, ou o *vanguardismo*. Nesse contexto uma visão menos ingênua parte de uma alternativa para a desconstrução da antinomia Ocidente/Oriente que não se resume a inversão do lugar de enunciação colonial.

⁹ Esse conceito será amplamente discutido no artigo “O Orientalismo reconsiderado” parte da coletânea *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, onde o autor rejeita a essencialidade de conceitos tais como; *Islã*, *Oriente* e *árabes*, afirmando a sua existência como “comunidades de interpretação”. Essas designações teóricas representam interesses, alegações, projetos, ambições, retóricas e significados que estão sobredeterminados pela História. É preciso então observar as mediações teóricas atribuídas a essas categorias.

¹⁰ SPIVAK, Gayatri Chakravorty, *Pode o subalterno falar?* BH: Editora da UFMG, 2010.

¹¹ O Crítico literário indiano Homi K. Bhabha autor do livro *O Local da Cultura*, persegue uma estratégia teórica ao definir um espaço de enunciação que não seja limitado pela polaridade interno/externo, mas que se situa nas fronteiras do entremeio, definindo uma identidade coletiva. O conceito de *hibridismo* parece central para o conjunto de explicações acerca da identidade cultural.

Para Costa a obra do crítico literário Homi Bhabha¹² ilustra esse esforço na medida em que prioriza estratégias que não se enquadram nas polaridades clássicas definidoras de identidades coletivas. O conceito de hibridismo¹³ formula a constituição identitária na relação processual da manifestação de uma cultura.

A diferença é construída no processo mesmo de sua manifestação, ela não é uma entidade ou expressão de um arcabouço cultural acumulado, é um fluxo de representações articuladas nas entrelinhas das identidades externas totalizantes e essencialistas. O sujeito é visto aqui como provisório, circunstancial que se coloca entre um sujeito falante e um sujeito “falado”, reflexivo. O segundo nunca atinge o primeiro, só lhe resta sucedê-lo.

O hibridismo suspende contingencialmente uma pretensão de homogeneidade que é hierarquizadora. O lugar de enunciação entre os sistemas de representação é definido por Bhabha como um “terceiro espaço” e corresponde ao contexto no qual a estrutura espacial é definida como a contingência temporal do “indecifrável”, referenciado ao instante no qual o caráter construído e arbitrário das fronteiras culturais fica evidenciado. Costa tece inúmeras críticas a essa perspectiva teórica, ressaltando a “circularidade” inócua das categorias analíticas oriundas de Bhabha para a construção do conhecimento.

Reconhecemos aqui uma perspectiva pós-colonial que apesar da abordagem relacional entre poder e conhecimento não pode reduzir ou condicionar a obra teórica a um mero produto contextual. A proximidade entre o poder colonial e o conhecimento não constitui fórmulas unitárias e necessárias. A oscilação entre o aprisionamento dessa relação necessária (poder- conhecimento/cultura- imperialismo) produz dialeticamente uma leitura mais sofisticada que tenta escapar da unidade prévia de sentido.

A problemática da autoridade intelectual se baseia no lugar de observação, estabelecido fora das relações concretas entre culturas, entre potências imperiais e não imperiais, entre diferentes “outros”. A representação aparece aqui como dilema teórico e como escolha política. A oscilação descrita representa um desafio intelectual para o nosso autor. Said define o seu objeto como uma “comunidade de interpretação”, embora

¹² BHABHA, Homi K., *O Local da Cultura*, BH: Editora da UFMG, 2001.

¹³ O conceito de hibridismo tal como desenvolvido na obra de Bhabha tem sua origem na análise do linguista Mikhail Bakhtin que distingue a mescla de duas linguagens sociais no interior de uma mesma afirmação e ressalta o dialogismo de duas linguagens a partir de um “hibridismo intencional”.

reivindique voz ativa para o objeto estudado, esvaziando a leitura “Orientalista” promovida pelo Ocidente. A articulação do papel de crítico com a solidariedade à causa nacional Palestina estabeleceu um paradoxo na sua trajetória.

O autor inserido no entre-mundo afirma que trabalha quase que exclusivamente com elementos negativos, com a não existência, com a não História, que de forma subliminar deixa transparecer uma identidade contrapontística. Este é um termo oriundo da música que produz uma metáfora para definir a sua escrita. Nossa hipótese é que esse foi um dilema vivido pelo próprio Said, na medida em que, como intelectual ele preconizava o cosmopolitismo, o hibridismo do entre-lugar na suspensão dos binarismos essencialistas, por outro lado, como ativista, ele defendia um ethos nacional a partir do engajamento político no movimento Palestino.

Ao acompanhar a *démarche* teórica Saidiana, o paradoxo entre humanismo crítico e mediação autoral persiste. Ao tratar da obra mais clássica de Edward Said, *Orientalismo, O Oriente como invenção do Ocidente*¹⁴, o antropólogo James Clifford¹⁵ refere-se à abordagem do Orientalismo como dedutiva e construtivista.

O Orientalismo é visto como uma totalidade que se transforma num “discurso” caracterizado por uma sistematicidade expressiva, revelada por uma leitura de textos representativos e experiências. Ver o Orientalismo como um “discurso” alinha a perspectiva Saidiana com a metodologia de Michel Foucault. Clifford complexifica essa ramificação e determina um distanciamento de métodos uma vez que a análise textual Foucaultiana seria desenvolvida por meio de um método “arqueológico” e a abordagem do Orientalismo é claramente genealógica. Said insiste na descrição retrospectiva e contínua das estruturas orientalistas nos séculos XIX e XX.

¹⁴ SAID, Edward W. *Orientalismo, o Oriente como invenção do Ocidente*, SP: Companhia das Letras, 2007. Primeira edição-1978. O Orientalismo é uma das obras mais lidas de Edward W. Said e consequentemente uma das mais criticadas. Esta foi considerada por muitos autores o marco inicial dos debates Pós-Coloniais o que acabou suscitando uma série de polêmicas teóricas.

¹⁵ O artigo *On Orientalism* do antropólogo James Clifford sintetiza um debate extremamente rico sobre os paradoxos teóricos e os respectivos limites epistemológicos inerentes a proposta de desconstrução crítica da representação ocidental acerca do Oriente. O artigo constituiu-se referência para muitos leitores de Said e fonte de debate para o próprio autor que fez menção a esse artigo em muitos dos seus escritos posteriores que reconsideram a proposta construída no *Orientalismo*. Clifford publicou esse artigo na revista *History and Theory* 19[2], fev. em 1980 e o mesmo artigo pode ser encontrado na sua obra *The Predicament of Culture, Twentieth-Century Ethnography, Literature, and Art*, Massachusetts: Harvard University Press, 1988. Estamos trabalhando com a última versão.

O Ocidente fala de um Oriente mudo, passivo e imutável. Quem está autorizado a falar pelo “outro”, esvaziando o seu aspecto verossímil? A visão Orientalista e a sua respectiva “textualização” suprime a autêntica realidade humana. Essa realidade está enraizada no discurso recíproco como oposto ao processo da escrita. Todas as definições culturais dever ser colocadas sob suspeita devido ao potencial de distorção da linguagem.

Clifford, na condição de antropólogo, valoriza a chave de leitura do Orientalismo direcionada à reflexão epistemológica das interpretações sobre as culturas estrangeiras e outras tradições. Said retorna a circularidade de quem fala no fundo do Ocidente e não do Oriente.

A leitura crítica de Clifford indica que o empírico separa Said de Foucault. O experimento de Said parece mostrar que quando a avaliação do autor e a tradição se mesclam com a análise de formações discursivas, o efeito é o enfraquecimento mútuo. O uso fragmentário da teoria Foucaultiana aparece explicitamente nos ensaios de Said. Ressaltamos o artigo; *Do silêncio à música e de volta ao silêncio, Música, literatura e História*¹⁶, onde o autor palestino explicita o incômodo com o determinismo da sociedade disciplinadora de Foucault, que para Said é resultado de uma desesperança política que possibilita pouco espaço para a resistência ao poder disciplinador.

Devemos ressaltar duas reflexões de Clifford apropriadas para nossa temática: a primeira sintetiza a contradição entre o Said que apela para o realismo existencial “à moda antiga” e opera no interior do Criticismo teórico, a segunda está representada pela suspeita de uma crítica oposicional ao Orientalismo incidir no “Ocidentalismo”. Podemos sintetizar o diagnóstico de Clifford a partir de uma extensa inconsistência que aparece na aspiração humanística que requer algum tipo de “agência” e o convívio com a renúncia do sujeito no esquema Foucaultiano. O tema da compatibilidade do humanismo crítico com a ação política atravessa a obra de Said e conseqüentemente os seus comentadores mais atentos.

O essencialismo na ideologia nacionalista, formulado na descolonização, é visto como um fenômeno distorcido que pode recair na experiência nativista. Esta pode reforçar a divisão hierárquica, mesmo que favorável ao colonizado. Esse fenômeno induziu inúmeras formulações míticas e demagógicas sobre um passado nativo que

¹⁶ SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, SP: Ed. Companhia das Letras, 2003.

permaneceu distante da experiência real. Said reavalia o empreendimento nativista com o foco na rejeição da identidade artificial do colonizado. Nesse contexto o essencialismo induz ao esvaziamento da Historicidade.

Mas temos provas de seus danos: aceitar o nativismo é aceitar as consequências do Imperialismo, as divisões raciais, religiosas e políticas impostas pelo próprio Imperialismo. Deixar o mundo histórico à metafísica de essências como a négritude, a “irlandidade”, o islamismo ou o catolicismo, é abandonar a História em favor de essencializações que tem o poder de instaurar a cizânia entre os seres humanos; muitas vezes esse abandono do mundo secular leva a uma espécie de milenarismo, caso o movimento disponha de uma base de massas, ou numa aceitação irrefletida de estereótipos, mitos, animosidades e tradições estimuladas pelo Imperialismo.(SAID, 2003:288)

Vimos até agora uma postura teórica sobre a pós-colonialidade global que se apresenta de forma distinta da representação acerca da dominação sobre a Palestina e o seu respectivo encaminhamento para a autodeterminação. A narrativa Histórica que tem por objeto a Questão Palestina não se limita a ser uma crônica de eventos, ela segue uma lógica compreensiva que torna transparente a constituição da própria identidade. A tentativa de descrever a realidade desse grupo, o centro da experiência Palestina e a sua atualidade encaminham o rastreamento da “essência” desse grupo. O relativismo acerca da fluidez da identidade, do caráter misto e da hibridez dos grupos é substituído por uma assertividade definidora do *ethos* Palestino.

Na introdução do livro *A Questão da Palestina* Said afirma que o fato de não existir um país denominado Palestina não significa a ausência de um grupo que deve ser particularizado na sua trajetória Histórica em distinção a outros povos árabes. Ele define que a memória coletiva deve ser ativada no caso do enfraquecimento por meio da narrativa Histórica.

Existem mecanismos que buscam a atenuação do paradoxo nacionalista na obra de Said. Percebe-se que nos seus escritos tardios existe um movimento “Historicizante” com o intuito de comprovar os mecanismos de consolidação do Nacionalismo no caso Palestino. Se este requer a naturalização, a primordialização da identidade, o movimento em busca da verossimilhança através da História, o autor suspende o seu relativismo teórico para acatar essa tendência. Said, teórico do Nacionalismo, ao se utilizar da História, vai esvaziando a naturalização por meio do processo diacrônico. A

ambivalência teórica aparece no equilíbrio entre a essencialização, a consolidação da identidade e a sua desconstrução.

No livro *Cultura e Imperialismo* podemos perceber a difícil relação entre o Nacionalismo e a libertação colonial. O autor traça as conexões entre os textos culturais e o processo imperial, argumentando que para fazer isso ele precisa rastrear supostas filiações da produção estética ao projeto imperialista. Destacam-se nessa obra críticas as experiências nacionalistas pós-coloniais.

No entanto, tal como observa Fanon, a consciência nacionalista pode levar com facilidade à rigidez estática; apenas substituir as autoridades e os burocratas brancos por equivalentes de cor, diz ele, não é nenhuma garantia de que os funcionários nacionalistas não repetirão os velhos arranjos. Os perigos do chauvinismo e da xenofobia (A África para os africanos) são bem reais. (SAID, 1999:271)

Destacamos na análise desse paradoxo, a leitura promovida por Rahul Rao¹⁷ acerca da temática ambivalente entre o cosmopolitismo e o Nacionalismo, elementos paradoxalmente definidores da obra de Edward W. Said. A análise da produção teórica do autor palestino nos interessa particularmente e devemos destacar a escolha de uma parcela da produção onde é demonstrado o encaminhamento do “paradoxo” teórico. Esse se torna mais vigoroso nas obras que abordam diretamente a questão Palestina com exceção do livro *Cultura e Imperialismo* (1993).

Said seria retratado como “nacionalista paradoxal” porque se por um lado é um crítico veemente do Nacionalismo, simultaneamente promove apoio aos movimentos particulares nacionais. Said reconhece que o Nacionalismo não-ocidental é uma resposta ao Imperialismo ocidental, ou seja, critica o chamado Nacionalismo defensivo.

Segundo Rao, a obra *A Questão da Palestina* (1979) representa a virada do Said Cosmopolita para o Said Nacionalista. Esse autor tornou-se um ativo promotor da identidade Palestina ao defender a autodeterminação desse povo. Nesse livro muitos parágrafos são dedicados a referências Históricas da Palestina desde o século XVIII até os dias de hoje, estatísticas populacionais, áreas de assentamentos e detalhes da vida profissional e intelectual dos Palestinos. A narrativa diacrônica detalhista ilustra por

¹⁷ RAO, Rahul, *Postcolonial Cosmopolitanism, Between home and the World*, Tese de doutorado, [Dphil in International Relations in the department of Politics and International relation], University of Oxford, 2007.

meio da contingência Histórica o mecanismo Palestino de pertencimento no qual um grupo nacional é descrito como possuidor de um sentido relativamente coerente e unificado de ação.

Para Rao o Said Nacionalista aparece como incentivador da identidade Palestina por meio da narrativa Histórica e através de gestos políticos que objetivam a consolidação da identidade nacional. O Autor elabora um censo da população Palestina não somente na Palestina Histórica como também nas comunidades de refugiados dispersos pelo mundo. A tentativa de descrever essa realidade, o centro da sua experiência e a sua conjuntura contemporânea incentiva o exercício do rastreamento da identidade Palestina.

Na luta pela autodeterminação do povo Palestino, Said rejeita a sua filiação teórica- metodológica “cosmopolita” a favor de uma identidade relativamente estável em resposta aos constrangimentos impostos por uma sociedade internacional cujos membros são os Estados que se recusam a respeitar o direito de autodeterminação dos Palestinos. Rao vincula esse mecanismo aparentemente paradoxal com a interpretação de Gayatri C. Spivak¹⁸ sobre o exercício da formatação da identidade. “Nesse sentido nós devemos observar a construção da identidade palestina de Said como um caso que Spivak descreveu em outro contexto como um uso estratégico do essencialismo positivista num interesse escrupulosamente político.”(RAO, 2007:163)

Segundo Rao a perspectiva teórica do paradoxo; Said cosmopolita/nacionalista aparece no discurso acerca da “subjugação” que pressupõe o abandono da análise intercultural relativista quanto à responsabilidade individual no campo das ações Históricas coloniais. Enquanto o Said Cosmopolita evita a retórica de “acusação”, problemática numa análise intercultural, o Said Nacionalista emprega narrativas de “vitimização” ou alguma noção correspondente ao reiterar a necessidade da autodeterminação Palestina. Como desfecho desse discurso a reiteração da acusação é atenuada consideravelmente pela ênfase na reconciliação e coexistência, marca notável dos escritos tardios de Said.

Com base nas diversas abordagens interpretativas da obra de Edward Said, podemos nos aproximar de um suposto inventário de dilemas que não podem ser

¹⁸ Gayatri C. Spivak, autora de vários artigos representativos da corrente teórica denominada Subaltern Studies, possui aparente destaque na configuração teórica da obra de Edward Said, essencialmente no que tange o debate sobre o nacional e o colonial.

excluídos da análise da sua obra. O problema da mediação do conhecimento é umas das questões centrais para a *démarche* teórica do autor Palestino. O nosso autor oscila entre uma posição “otimista”, para com a possibilidade de um campo intocado onde a resistência contra hegemônica ainda é possível e a suspeita de que a dimensão pública do intelectual é pautada pelo sistema dominante que estabelece as suas regras de inserção.

O desafio do intelectual aparece na construção dos chamados “campos de coexistência” no lugar dos campos de batalha. O intelectual pensado por Said caracteriza-se pelo que denominamos de “hibridismo” identitário, para além dessa definição, identificamos na sua experiência um estado de tensão irreconciliável entre o estético e o social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict, *Comunidades Imaginadas, Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*, SP: Companhia das Letras, 2008.

BALAKRISHNAN, Gopal, (org.), *Um mapa da questão Nacional*, RJ: Contraponto, 2000.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

_____. MITCHELL, W. J. T. (comps.) *Edward Said, Continuando la Conversación*, Buenos Aires: Paidós, 2006.

CHATERJEE, Partha, *Nationalist thought and the colonial world: a derivative discourse?*, Londres: ZED, 1986.

_____. *Colonialismo, Modernidade e Política*, Salvador: EDUFBA, 2004.

CLIFFORD, James, “On Orientalism”, *The predicament of Culture*, Twentieth- Century Ethnography, Literature, and Art, Massachusetts: Harvard University Press, 1988 .

COSTA, Sérgio, Desprovincializando a Sociologia: a contribuição pós-colonial, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.21, número 60, SP: fevereiro de 2006.

_____. *Dois Atlânticos, Teoria Social, anti-racismo, cosmopolitismo*, BH: Editora da UFMG, 2006.

FANON, Frantz, *Os condenados da terra*, RJ: Editora Civilização Brasileira, 1979.

GELLNER, *Naciones y Nacionalismos*, Buenos Aires: Alianza Editorial, 1991.

HOBBSBAWM, Eric *Nações e Nacionalismos desde 1780*, SP: Editora Paz e Terra, 1990.

POCOCK, J. G. A., *Linguagens do ideário político*, SP: EDUSP, 2003.

RAO, Rahul, *Postcolonial Cosmopolitanism, Between home and the World*, Tese de doutorado, [Dphil in Internacional Relations in the department of Politics and Internacional relation], University of Oxford, 2007.

SAID, Edward W. *Orientalismo, o Oriente como invenção do Ocidente*, SP: Companhia das Letras, 2007. Primeira edição-1978.

_____. *Beginnings: intention and method*, Nova York: Columbia University Press, 1985.

_____. *Cultura e Imperialismo*, SP: Companhia das Letras, 1993.

_____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, SP: Companhia das Letras, 2003.

_____. *The Question of Palestine*, Nova York: Times Books, 1980.

_____. *El Mundo, El texto y El Crítico*, Buenos Aires: Editorial Debate, 2004.

_____. *Estilo Tardio*, SP: Companhia das Letras, 2009.

SHOHAT, Ella, Antinomies of exile: Said at the frontier of National narrations In: *Edward Said, a critical Reader*, SPRINKER, Michael (ed.), Massachusetts: BlackWell Publishers, 1992.

_____. The “PostColonial” in Translation: Reading Edward Said between english and hebrew, In: *Taboo Memories, Diasporic Voices*, Durham: Duke University Press, 2006.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty, “Subaltern Studies: Deconstructing Historiography”, in *Selected Subaltern Studies*, (eds.) GUHA, Ranajit, SPIVAK, Gayatri Chakravorty, Oxford: Oxford University Press, 1988.

SPRINKER, Michael (ed.), *Edward W. Said: A Critical Reader*, Oxford: Blackwell Publishers, 1992.

WALIA, Shelley, *Edward Said and the writing of History*, Cambridge: Icon books, 2001.